

Hipocorísticos Sensíveis ao Acento Primário da Forma de Base

Lirian Daniela MARTINI¹

Resumo: Neste trabalho é feita uma análise dos hipocorísticos do português brasileiro, especificamente dos hipocorísticos coletados na cidade de Belo Horizonte-MG, sob a perspectiva da Teoria da Otimalidade (McCarthy e Prince, 1993) e Teoria da Correspondência (McCarthy e Prince, 1995). Entende-se por Hipocorístico o processo usado na linguagem familiar para transmitir carinho (cf. Borba, 1971: 82) ou qualquer palavra criada por afetividade (cf. Câmara Jr., 1968:193), incluindo-se aí certos diminutivos (*filhinho, benzinho, titia, tetéia, dodói*, etc...). Vê-se logo que tais conceitos são bastante amplos, tornando-se, pois, necessária uma delimitação mais rígida. Em sentido restrito, o Hipocorístico designa uma alteração do prenome ou sobrenome, mas essa alteração mantém a identidade com a forma original. Este artigo argumenta, conforme proposta de Gonçalves (2005), que Hipocorísticos compreendem morfologia não-concatenativa porque acessam informações prosódicas e estão submetidos às exigências fonológicas da língua para serem reduzidos a um tamanho definido. Seguindo Gonçalves (2005) e Piñeros (2000), pode-se dizer que a compreensão dos Hipocorísticos dá-se em um espaço multidimensional, no qual primitivos morfológicos interagem com primitivos prosódicos.

Palavras-chave: Hipocorísticos; Teoria da Otimalidade; Morfologia Prosódica.

Abstract: In this work, it is made an analysis of the Brazilian Portuguese hypocoristics, specifically of those gathered in the city of Belo Horizonte-MG, considering the Optimality Theory (McCarthy e Prince, 1993) and the Correspondence Theory (McCarthy e Prince, 1995) perspectives. One understands as hypocoristics the process used in the familiar language to transmit affection (see Borba, 1971: 82), including some diminutives (*filhinho, benzinho, titia, teteia, dodói*, etc...). It is perceived that such concepts are very wide, thus, it is necessary to delimitate them. In a strict sense, the hypocoristic designates a change of first names and last names, but this change keeps the identity with the original form. This article arguments that the hypocoristics have a non-concatenative morphology, once they access prosodic information and are submitted to language phonological demands in order to be reduced to a defined size. According to Gonçalves (2005) and Piñeros (2000), it can be said that the hypocoristic comprehension occurs in a multidimensional space, in which morphological primitives interact with prosodic primitives.

Keywords: Hypocoristics; Optimality Theory; Prosodic Morphology.

Introdução

O trabalho aqui presente propõe uma análise formal otimalista voltada para a explicação dos hipocorísticos que preservam a pauta acentual da forma de base (Helena > Lena, Murilo > Lilo, Mariana > Nana, Francisco > Chico). Em sentido amplo, hipocorísticos são formas lexicais utilizadas por um indivíduo para transmitir afeição, carinho a

¹ Doutora pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Jales - SP. Correio eletrônico: lirian_paulista@yahoo.com.br

um familiar ou amigo. Em sentido restrito, Gonçalves (2004b), seguindo Mester (1990), define o hipocorístico como uma alteração do prenome para um molde prosodicamente definido.

No primeiro modelo otimalista, proveniente da teoria da Otimalidade Clássica, postulou-se que formas de *output* são geradas pelo conflito entre restrições de fidelidade e restrições de marcação (MCCARTHY; PRINCE 1993, 1995). As primeiras tendem a evitar qualquer tipo de mudança, como inserções e apagamentos, e, conseqüentemente, se esforçam para que os *outputs* difiram minimamente dos *inputs* lexicais. As segundas procuram regular a boa formação de estruturas segmentais ou prosódicas e, por isso, implicam na escolha de *outputs* não marcados.

As restrições de marcação compreendem as estruturas não marcadas da língua, tais como as condições apresentadas na seção anterior: a) sílabas têm tendência de não apresentarem coda (NO-CODA); b) sílabas devem ter ataque (ONSET); c) sílabas não devem apresentar *onsets* complexos (*COMPLEX) e d) tepes são proibidos na primeira sílaba. Ao contrário, as restrições de fidelidade exigem perfeita semelhança entre *input* e *output*, tais como: a) todos os segmentos do *input* devem estar presentes no *output*; b) a ordem linear dos constituintes do *input* deve ser a mesma do *output*; c) os traços de segmentos do *input* devem se manifestar no *output*.

Para efeitos de conveniência, as restrições de FIDELIDADE, dadas por Prince e Smolensky (1993, p.13) na Otimalidade Clássica, são definidas a seguir:

- (1) MAX-IO: cada elemento do *input* deve ter um correspondente no *output*;
DEP-IO: cada elemento do *output* deve ter um correspondente no *input*.

Caso MAX sofra violação, ocorrerá perda de um elemento no *input*. Entretanto, uma violação de DEP incorrerá na inserção de um segmento no *output* (ex. epêntese do português: /a.ki.ne/).

Na análise dos Hipocorísticos, concluir-se-á que o candidato escolhido como ótimo não precisa ser completamente fiel ao *input*, mas deve constituir formas não marcadas na língua, porque as

restrições estruturais (de Marcação) estão ranqueadas mais altamente na hierarquia, sendo, portanto, não dominadas (MARCAÇÃO >> FIDELIDADE).

Os Hipocorísticos, assim como as operações morfológicas, implicam em modificações no conteúdo material, podendo gerar acréscimos, alterações ou apagamentos nas formas de superfície. Desse modo, tornam-se comuns violações de FIDELIDADE, uma vez que as formas resultantes preservam os padrões estruturais da língua, tais como padrões silábicos e acentuais.

As operações não-concatenativas constituem, como bem observou Gonçalves, “Morfologia Diferente” porque, ao mesmo tempo em que acessam informações prosódicas e se submetem às pressões fonotáticas da língua, também apresentam um conteúdo e, em decorrência disso, os produtos de processos morfológicos nunca são idênticos às formas de base.

A Teoria da Correspondência é mais adequada do que a Otimalidade Clássica no tratamento de fenômenos morfológicos porque nesta a identidade se restringe apenas à verificação do grau de semelhança entre o *input* e os vários candidatos a *output* gerados por GEN, enquanto naquela as restrições de fidelidade atuam em vários domínios das representações linguísticas, tais como *input* e *output*, *output* e *output*.

A noção de correspondência (MCCARTHY; PRINCE 1995, p.262) é expressa novamente a seguir:

- (2) Se tivermos duas camadas, S1 e S2, a correspondência é a relação R dos elementos de S1 para S2. Elementos com α pertencente a S1 e β pertencente a S2 são correspondentes um do outro sempre que α R β .

As relações de correspondência exigem que haja um número de restrições que têm por função estabelecer identidade entre duas camadas. Como as operações morfológicas não-concatenativas não só inserem ou apagam segmentos, mas também podem alterar a especificação de um traço ou possuir segmentos ambimorfêmicos, chegou-se à conclusão de que as restrições MAX e DEP eram insuficientes para expressarem as relações de correspondência. Em consequência

disso, a Teoria da Correspondência formula outras restrições de identidade:

- (3) IDENTidade de Traços: Segmentos correspondentes têm o mesmo valor para o traço F. Não pode haver troca de traços de S1 para S2.

LINearidade: A sequência linear dos elementos de S2 deve ser a mesma de seus correspondentes em S1. Não pode ocorrer permuta de segmentos de S1 para S2.

ANCORagem à Direita ou à Esquerda: Os elementos da periferia direita (ou esquerda) de S1 têm um correspondente na periferia direita (ou esquerda) de S2. O alinhamento de S2 deve ser o mesmo de S1.

INTEGRidade: Nenhum elemento de S1 pode ter mais de um correspondente em S2.

UNIFORMidade: Nenhum elemento de S2 pode ter mais de um correspondente em S1.

Enquanto MAX milita contra a perda de segmentos, DEP milita contra a inserção de segmentos. IDENT-T requer completa identidade de traços entre segmentos. ANCOR exige coincidência absoluta entre as margens das formas relacionadas. UNIFORM e INTEGR exigem mapeamento de um-para-um entre os níveis de representação, sendo, portanto interpretadas como restrições que requerem espelhamento entre os elementos. MAX e DEP podem ser compreendidos como restritores quantitativos porque impõem o mesmo número de segmentos entre base e produto, ao contrário dos outros restritores, que avaliam qualitativamente a identidade entre segmentos na dimensão prosódica.

Benua (1995) amplia a noção de correspondência, pois a pesquisadora mostra que as relações entre base e produto de uma operação morfológica apresentam relações de correspondência particulares. Sendo assim, uma exigência de formação presente num fenômeno (p.ex. *portmanteau*) pode não acontecer em outro (p.ex.

hipocorização).

Ainda, segundo Benua, as diferenças entre representações profunda e superficial podem acontecer numa dimensão *Output-Output*, de modo geral, e nas dimensões específicas de cada processo (Base-Portmanteau e Base-Hipocorístico, por exemplo).

Nos Hipocorísticos cuja margem esquerda está ancorada com a margem esquerda da sílaba que contém o acento principal da forma de base, bloqueia-se qualquer forma gerada que exceda mais do que duas sílabas e que não contenha um pé bimoraico. Por essa razão, fica estabelecida, de imediato, uma restrição de palavra-prosódica:

- (4) FT Bin: pés são binários numa análise mórica ou silábica (bimoraicos e dissílabos).

Segundo McCarthy & Prince (1993), além das sílabas pertencerem obrigatoriamente a pés, há outra restrição de alinhamento cujos pés devem ser avaliados em relação à distância da margem direita da palavra prosódica:

- (5) ALL-FT-Right: Todo pé fica alinhado com a borda direita da palavra prosódica.

Entretanto, é viável adiantar aqui que não existe apenas um único ancoramento em português. Na verdade, há dois tipos de ancoramento: o primeiro deles, ANCHOR(H)-HEAD-L(PWD), que foi citado acima e está relacionado com o acento da palavra-matriz, enquanto o segundo, ANCHOR-L, que será discutido em posteriores trabalhos, está relacionado com o início da palavra-matriz.

Os exemplos seguintes demonstram que as formas ótimas não podem conter mais de duas sílabas e, para que isso aconteça, restrições de palavra-prosódica devem ser respeitadas.

(6) FT-BIN, PARSE-SYLL, ALL-FT-R

SF: $\sigma\sigma\sigma$	FT-BIN	PARSE-SYLL	ALL-FT-R
a. $[(\underline{\sigma})F2(\underline{\sigma\sigma})F1]PWD$	*!		F2: $\sigma\sigma$
b. $[(\underline{\sigma\sigma})F2(\underline{\sigma})F1]PWD$	*!		F2: σ
c. $[(\underline{\sigma\sigma})F1\sigma]PWD$		*!	F1: σ
d. $[\sigma(\underline{\sigma\sigma})F1]PWD$		*!	
e. $^{\text{QPR}}[(\underline{\sigma\sigma})F1]PWD$			

Observa-se que os candidatos cujos pés sejam monomoraicos ou trissilábicos são descartados, já que Ft Bin obriga pés binários. Além disso, deixam de alinhar um de seus pés à margem direita da palavra prosódica. O candidato *a* é escolhido porque viola apenas All-Ft-Right (R), restrição ranqueada mais abaixo na hierarquia. Esta tendência de reduzir a forma de base é proveniente da atuação da restrição MAX(SF-TF), que impede o apagamento. Abaixo do ranqueamento FT-BIN, PARSE-SYLL, ALL-FT-R >> MAX (SF-TF), a identidade entre a forma de base e o Hipocorístico precisa ser frequentemente sacrificada nesta ordem para obter a PWD não marcada.

Os Hipocorísticos analisados são sensíveis ao acento da forma de base, já que a sílaba tônica deste é preservada, logo demonstram dependência em relação ao *input*. Em razão disso, considera-se viável postular outra restrição que diz respeito à dependência dos Hipocorísticos em relação à cabeça da palavra prosódica:

(7)ANCHOR(H)-HEAD-L(SF): A margem esquerda do Hipocorístico (H) deve estar alinhada com a margem esquerda da cabeça do pé da base. (SF).

A seguir, tem-se um *tableau* cujas restrições apresentadas até agora estão inseridas. Neste tableau vê-se que ANCHOR (H)-HEAD-L(SF) é a restrição mais importante na formação de Hipocorísticos sensíveis ao acento primário da base, porque é ela que motiva a propriedade dos Hipocorísticos de preservarem os segmentos que estão contidos na cabeça da palavra prosódica da forma de base. ANCHOR (H)-HEAD-L(SF) é, portanto uma consequência da propriedade dos Hipocorísticos que exige a fidelidade à cabeça do pé principal da forma de base, se levar em conta o fato do Hipocorístico sempre coincidir com a sílaba tônica do prenome.

Os dados dos Hipocorísticos ancorados à direita demonstram que há uma forte propensão para se preservar os segmentos que estão contidos nos limites da cabeça da palavra prosódica. Mas tal característica não deve fazer-se obrigação, pois existe uma tendência à simplificação silábica. Assim, nos Hipocorísticos sensíveis ao acento da forma de base, ocorre a ancoragem e, posteriormente, as restrições silábicas se responsabilizam por reduzirem a forma de base a uma

forma dissilábica com pé trocaico. Portanto, ANCHOR(H)-HEAD-L(SF) tem o papel de promover a fidelidade do Hipocorístico em relação à base, manifestando sensibilidade à cabeça da palavra-prosódica, uma vez que a sílaba tônica da base coincide com a sílaba tônica do hipocorístico.

O *tableau* seguinte mostra que as restrições ANCHOR(H)-HEAD-L(SF), IDENT-BH(stress), FT-BIN, ANCHOR (H-SF)R serão sempre restrições dominantes, porque não existe nenhum Hipocorístico com corte à esquerda na língua que deixe de obedecer a alguma delas. Já ANALISE- σ e MAX(SF-H) são restrições dominadas, porque todo Hipocorístico da língua será formado pela supressão de segmentos presentes na forma de base, além de ser possível a manifestação de Hipocorísticos trissilábicos (cf. Maneco, Samuca, Carola), em que uma das sílabas não está incorporada ao pé.

(8)

Candidatos	ANCHOR(H)- HEAD-L(SF)	IDENT- BH(stress)	FT- BIN	ANCHOR(H- SF)R	ANAL- σ	MAX(SF- H)
a. (mu)(rí.lo)			*!			
b. mu(rí.lo)			*!		*	
c. $\emptyset$ (rí.lo)						**
d. (mu.rí)	*!			*		**
e. (rí.ló)		*!				**
f. (rí)			*!	*		****

Percebe-se que, no *tableau* acima, a hierarquia proposta estabelece a otimização do candidato *c*, uma vez que a única violação que comete é em relação a MAX, restrição ranqueada mais abaixo na hierarquia. Os maiores competidores de *c* são os candidatos *d* e *e*, porque ambos infringem MAX o mesmo número de vezes, mas são descartados porque violam restrições postuladas mais acima na hierarquia, como é o caso de ANCHOR(H)-HEAD-L(SF) e FT-BIN. Em *d* tem-se a infração da exigência do pé troqueio, pois tal candidato forma pé iambo, além disso, não possui a margem esquerda do Hipocorístico ancorada com a margem esquerda do pé principal da forma de base. Em *e* vê-se que tal candidato cumpre a condição de ancoragem à esquerda, mas falha na restrição que diz respeito à forma do pé. No entanto, a forma escolhida ainda não é a apropriada porque, em português, a ocorrência de tepe

na primeira sílaba da palavra prosódica é proibida.

Nos dados pesquisados para o presente trabalho, o Hipocorístico proveniente do prenome 'Murilo' deve ser (lílo) e não (rílo). Isso ocorre porque, em português, deve haver sempre satisfação de *[r]Pwd, formalizada a seguir:

- (9) * [r]Pwd: tepe não pode ocorrer na primeira sílaba da palavra prosódica (Pwd)

Em (10) é apresentado um novo *tableau* que permitirá escolher o candidato ótimo com o acréscimo da restrição *[r]Pwd no lugar mais alto da hierarquia, já que, em português, essa restrição de marcação não é dominada. Nos Hipocorísticos cuja margem esquerda deve estar ancorada com a margem esquerda da cabeça do pé da base, a restrição ANALISE- σ domina MAX(SF-H) porque nestes casos não é permitida a formação de candidatos que excedam um pé binário. Assim, todas as sílabas devem estar obrigatoriamente incorporadas ao pé, mesmo que isso sacrifique MAX(SF-H) um maior número de vezes.

(10)

Candidatos	*[r]Pwd	ANCHOR(H)- HEAD-L(SF)	IDENT- BH(stress)	FT- BIN	ANCHOR(H)- SF)R	ANAL- σ	MAX(SF- H)
a.(mu)(rílo)		*!		*			
b.mu(rílo)				*		*	
c.(rílo)	*!						**
d.(riló)	*!	*	*				**
e. ^Q (lílo)							**
f. (rí)	*!			*	*		****

A escolha do candidato 'Lilo' ao invés de 'Rilo' evidencia a proibição de tepe em início de palavra, caso típico de restrição fonotática do português, que induz a manifestação de uma estratégia de reparo para substituir o segmento indevido e preencher essa posição com a cópia do *onset* da sílaba seguinte, de modo a não sacrificar ainda mais a identidade entre o Hipocorístico e sua respectiva forma de base.

Pode-se observar que se não fosse a atuação da restrição *[r]

Pwd, os candidatos *ce* não seriam desempatados. Entretanto, a inserção de **[r]*Pwd na hierarquia provoca uma violação de IDENTIDADE, o que torna um pouco mais opaca a relação de correspondência entre a base e o Hipocorístico porque implica na alteração de traço ($r \neq l$), conforme o *tableau* seguinte:

(11)

candidatos	*[r]Pwd	ANCHOR(H)-HEAD-L(SF)	IDENT-BH (stress)	FT-BIN	ANCHOR (H-SF)R	IDENT(H-SF)	ANALISE σ	MAX(SF-H)
a. (rílo)	*!							**
b. ce (lílo)						* r ? l		**

O Hipocorístico 'Lilo' pode ser compreendido como uma evidência de correspondência *output-output*, pois depende de uma base no *output* (rílo).

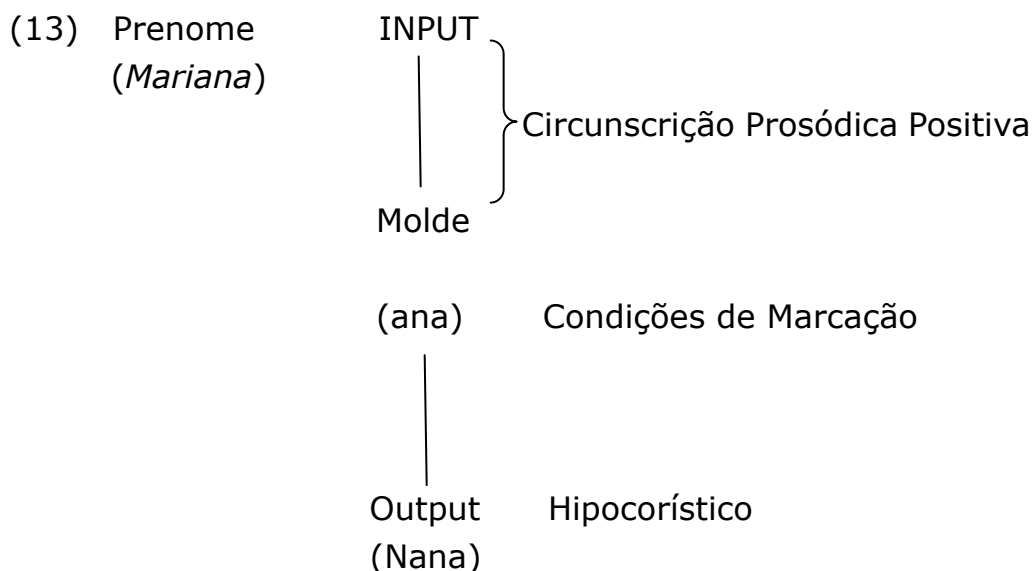
Outra estratégia de reparo é utilizada em Hipocorísticos cuja primeira sílaba se inicia por vogal, caso em que uma das formas de *output* não dispunha de consoante na sílaba inicial (cf. Eduardo - Dádo). É necessário, então, postular uma nova restrição de marcação que diz respeito à posição de ataque:

(12) ONSET: Todas as sílabas precisam ter ataque. Essa restrição é violada se o candidato não apresentar um segmento nessa posição.

Casos como *Dado* < *Eduardo* e *Lilo* < *Murilo* encontram sustentação formal na Simpatia (MCCARTHY 1998), porque neles não há coincidência entre a representação de superfície e a representação subjacente, já que há efeitos de opacidade na escolha de candidatos possíveis. Desse modo, em termos derivacionais, há duas etapas de formação dos Hipocorísticos, como propõe Gonçalves (2004, p.7): a) delimitação de um molde, através da circunscrição positiva, que mapeia um troqueu moraico da direita para a esquerda do prenome e b) a atuação de restritores de marcação sobre o molde, conduzindo à emergência de estruturas não marcadas no *output* final. Sendo assim, condições que regulam o tamanho do Hipocorístico fazem com que

esse fenômeno tenha um formato prosódico definido. Seguindo as descrições de Gonçalves, devido a essas duas etapas de formação, condições de marcação atuam sobre o molde e não na base.

Portanto, diferenças entre o conteúdo selecionado via circunscrição e o que efetivamente aparece nos Hipocorísticos podem ser compreendidas como provenientes do papel desempenhado pelas condições de boa formação sobre o molde projetado pela base. Em casos como *Dado < Eduardo*, *Nana < Mariana*, a identidade entre a base e o Hipocorístico é ainda mais sacrificada pelas condições de marcação que atuam no material copiado via circunscrição positiva, como mostrado a seguir:



esquema adaptado de Gonçalves (2004, p. 13)

O esquema acima evidencia a necessidade de uma abordagem serialista por ter um estágio intermediário de representação transderivacional. Uma forma como 'ana' não pode ser tratada sob a ótica paralelista porque tal forma além de não constituir palavra independente no *input*, também não está plenamente manifestada no *output*. Contudo, ainda assim motiva uma cópia, influenciando na escolha do candidato vencedor.

Acatando a ideia de Gonçalves (2005), para quem o molde "é uma instância de opacidade", uma vez que "é o pivô de uma série

de modificações fonológicas”, toma-se a Simpatia como abordagem teórica que dê conta dos efeitos de opacidade que integram a formação de fenômenos não encadeados morfológicamente.

Como o Hipocorístico é fiel ao *input* no que diz respeito à posição da cabeça da palavra prosódica, a cópia de um *onset* da sílaba seguinte deve envolver DEP, pois mesmo que haja a cópia no caso de *Nana* < Mariana ou substituição de tepe por l em início de palavra, como em *Lilo* < Murilo, a identidade entre a forma de base e o *output* é garantida, ainda que minimamente.

Para Gonçalves (2005), a análise dos Hipocorísticos “*Lilo* < Murilo” e “*Nana* < Mariana” sob uma perspectiva serialista é mais elegante e econômica do que uma análise puramente paralelista, porque descarta a utilização de restrições como $[ONSET\sigma_1 = ONSET\sigma_2]PWD$, uma vez que essa restrição não apresenta motivação aparente que a justifique na análise. Sob a perspectiva serialista, o preenchimento do primeiro ataque não é arbitrário, já que é condicionado pelo ataque da sílaba posterior. Desse modo, o *output* aceito como ótimo (*‘Nana’*) não deixa de ser fiel ao molde se levarmos em consideração que é descartado qualquer *onset* diferente daquele que se acha na constituição da forma rastreada pela circunscrição positiva. Assim, candidatos como “*Mana*”, “*Lana*” e “*Pana*” são tidos como agramaticais, sendo satisfatoriamente descartados.

O ranqueamento completo para a formação dos Hipocorísticos com corte à esquerda é apresentado a seguir (cf. 14, 15, 16, 17) e se caracteriza pelo domínio das restrições de MARCAÇÃO sobre FIDELIDADE, já que a formação dos Hipocorísticos exige que seja isolada uma porção delimitada da forma de base, com isso condições sobre a palavra prosódica (PWD) devem ser respeitadas. A cópia do *onset* da segunda sílaba prejudica a correspondência de traços entre segmentos, pois leva à violação de IDENTIDADE, mas é a única alternativa encontrada para sanar os problemas da presença de tepe em início de sílaba e ausência de ataque. IDENTIDADE deve ser dominada por $*[r]Pwd$ e por ONSET a fim de que formas como *‘Dado* > Eduardo’ e *‘Nana’* > Mariana manifestem-se como candidatos ótimos.

(14)

Candidatos	ANCHOR(H)- HEAD-L(SF)	IDENT- BH(stress)	FT- BIN	ANCHOR(H)- SF)R	NO- CODA	ONSET	IDENT(H- SF)	MAX(SF- H)
a. (árdo)					*!	*		***
b. (dárdo)					*!		*	***
c. ^{ap} (dádó)							*	***
d. (dadó)		*!					*	***
e. (dá)			*!	*			*	*****

Um ranqueamento completo é apresentado a seguir. Restrições de estrutura silábica como *[r]PWD e ONSET devem dominar IDENT, porque a cópia do *onset* que compõe a segunda sílaba causa a violação da identidade existente entre a forma de base e o Hipocorístico. MAX (SF-TF) ocupa a posição mais baixa na hierarquia porque, na formação dos Hipocorísticos, ela é sempre violada. A dominância de ANCHOR-HEAD-L, IDENT-BH(stress), FT-BIN, ANCHOR(SF-H) sobre IDENT(H-SF) >> MAX (SF-H) ocorre porque aquelas são restrições dominantes e todos Hipocorísticos sensíveis à pauta acentual da base devem cumprir as exigências impostas por elas sem cometer nenhuma infração. NO-CODA >> IDENT(H-SF) >> MAX(SF-H) são restrições dominadas, pois, mesmo que haja violações a elas, o candidato ainda poderá ser escolhido como ótimo. NO-CODA está acima de IDENT(H-SF), porque, mesmo que um candidato preserve a mesma especificação de segmentos do *output* para o *input*, se tiver coda, não poderá ser o candidato ótimo. No mais, IDENT(H-SF) está acima de MAX(SF-H) na hierarquia porque pode haver candidatos sensíveis ao acento da base cujos segmentos correspondentes têm o mesmo valor, ou seja, a especificação dos segmentos do *output* preserva fielmente a estabelecida no *input* (cf. Lena < Marilena, Mena < Filomena), mas violam MAX (SF-H), uma vez que todo Hipocorístico, sem exceção, implica na perda de segmentos do *input* para o *output*.

Em seguida, vê-se a atuação das restrições mencionadas até aqui e constata-se a formação dos hipocorísticos Beto, Nana e Lilo.

ANCHOR(H)-HEAD-L(SF), IDENT-BH(stress), FT-BIN, ANCHOR(SF-H) R, NO CODA >> IDENT(H-SF) >> ANALI-σ >> MAX(SF-H)

(15)

Candidatos	ANCHOR(H)-HEAD-L(SF)	IDENT-BH(stress)	FT-BIN	ANCHOR(H-SF)R	NO CODA	IDENT(H-SF)	ANALI- σ	MAX(SF-H)
a.ro(bérto)					*!		*	
b.(bérto)					*!			**
c. ^o (béto)						*		***
d.robér(to)	*!		*!		*			

(16)

Candidatos	ANCHOR(H)-HEAD-L(SF)	IDENT-BH(stress)	FT-BIN	ANCHOR(H-SF)R	ONSET	IDENT(H-SF)	MAX(SF-H)
a.(ána)					*!		****
b.(lána)						*	****
c. ^o (nána)						*	****
d.(mári)	*!	*		*			***

(17)

Candidato	ANCHOR(H)-HEAD-L(SF)	IDENTBT(stress)	FT-BIN	ANCHOR(H-SF)R	*[r]PWD	IDENT(H-SF)	MAX(H-B)
a.(rílo)					*!		**
b.(riló)		*!			*		**
c.(murílo)	*!		*				
d. ^o (lílo)						*	**

Nos *tableaux* anteriores, pode ser constatado que há Hipocorísticos que não estabelecem relação direta do *input* com o *output*, mas relações entre *outputs*, pois tudo indica que há dependência de uma base no *output*, ou seja, para se ter a forma 'Lilo', foi preciso que tal forma dependesse da base 'rilo', assim como a forma 'Nana' depende de uma base anterior 'ana'.

Devido à relação das restrições de fidelidade entre *outputs*, a análise dos Hipocorísticos somente pela Otimalidade Clássica seria

insuficiente, justificando, portanto a aplicação de uma abordagem paralelista e também serialista.

Por fim, pode-se afirmar que Hipocorísticos à direita ranqueiam marcação sobre fidelidade, fazendo superficializar formas menos complexas do ponto de vista prosódico, como sílabas CV e pés dissilábicos. Pode ser afirmado também que Hipocorísticos ancorados à direita são sensíveis à estrutura do pé acentuado principal da forma de base e se caracterizam por ser menos tolerantes às sílabas marcadas (cf. Bíla < Fabíola, Biça < Fabrícia, Guto < Augusto), o que faz com que a contiguidade entre os segmentos seja dominada por restrições de boa formação silábica.

Em contrapartida, no trabalho de Martini (2010), é visto que Hipocorísticos ancorados à esquerda são sensíveis à estrutura silábica da palavra-base e, por isso, são mais tolerantes às sílabas marcadas da língua. Dessa forma, esse tipo de Hipocorístico tende a manter a complexidade silábica da forma de base (cf. Cris < Cristina, Adri < Adriana, Auxí < Auxiliadora) principalmente quando a complexidade incide na primeira sílaba à esquerda. Nesses casos, a estrutura silábica marcada dificilmente será simplificada e, quando isso acontece, a simplificação se manifesta com mais frequência na segunda sílaba da esquerda para a direita (cf. Pati < Patrícia, Gabi < Gabriela). Assim, a contiguidade entre os segmentos tende a não ser interrompida e, por essa razão, restrições de boa formação silábica são dominadas.

Nos Hipocorísticos sensíveis à estrutura silábica, o padrão não será necessariamente a forma canônica do português, encontrando-se, portanto, estruturas CCVC ('Fran'), VCV ('Alê') e CCVV ('Cléo').

Referências

BENUA, L. **English Word-Formation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

_____. Identify Effects in Morphological Truncation. In: BECKMAN, J. **Papers in Optimality Theory**, 18 (1), 1995, 77-136.

_____. **Transderivational Identity Phonological Relations Between Words**. Dissertation presented for requirements for the degree of Doctor Philosophy. University of Massachusetts Amherst, 1997.

BISOL, L. O troque silábico no sistema fonológico. **DELTA**, 16 (2): 403-13, 2000.

COLLISCHONN. Fonologia Lexical e Pós Lexical e TO. **Letras de Hoje**. V.37, nº1, p.149-162, 2002.

GONÇALVES, C. A. Processos Morfológicos Não-Concatenativos no Português do Brasil: tipos e funções. Versão revista e ampliada da Comunicação "Processos de Redução Vocabular: tipos e funções", apresentada na **XVII Jornada de Estudos lingüísticos do GELNE**, Recife, Instituto de Letras da UFPE, set. 1999.

_____. Processos morfológicos não-concatenativos: formato morfo-prosódico e latitude funcional. **Alfa - Revista de Lingüística**. Araraquara, v. 48, n. 2, p. 30-66, 2004a.

_____. A Morfologia Prosódica e o Comportamento Transderivacional da Hipocorização no Português Brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 12, p. 7-38, 2004b.

_____. Blends Lexicais em Português: não-concatenatividade e correspondência. **Veredas** (UFJF), Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 16-35, 2005a.

_____. Relações de Identidade em Modelos Paralelistas: morfologia e fonologia. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 7-38, 2005b.

MARTINI, L. D. **Morfologia Prosódica do Português Brasileiro**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2010.

MCCARTHY, J. A. Prosodic Theory of Nonconcatenative Morphology. In: **Linguistic Inquiry**, 12(3): 373-417, 1986.

MCCARTHY, J. and PRINCE, A. Foot and Word in Prosodic Morphology. In: **Natural Language and Linguistic Theory**, 8(1): 209-284, 1990.

_____. **Prosodic Morphology Constraint Interaction and Satisfaction**, University of Massachusetts, Amherst and Rutgers, 1993.

_____. **The Emergence of Unmarked**. Proceedings of NELS, 24(1), 333-379, 1994.

_____. **Faithfulness and Reduplicative Identity**. Rutgers: Rutgers University, 1995.

_____. Faithfulness and Identity in Prosodic Morphology. In: René Kager, Harry van der Hulst, and Wim Zonneveld (eds.). **The Prosody Morphology Interface**. Cambridge: Cambridge University Press 218-309, 1999.

MESTER, A. **Patterns of Truncation Process**. Santa Cruz: University of California at Santa Cruz, 1990.

Recebido em 02 de dezembro de 2011.

Aceito em 05 de abril de 2012.